

Quando “acreditar” é sinal de loucura

Carlos Honorato, Agosto de 2016

Eu acredito em Papai Noel embora saiba que este seja um dos maiores sincretismos histórico-culturais de origem religiosas, pois combina uma parte da “vida de Jesus” com uma festa pagã do norte da Europa. Acredito, pois não vejo mal em acreditar e tenho certeza que acreditando contribuo de forma efetiva para uma estória se transformar em história. Acreditar no bom velhinho é algo que me faz muito bem e faz muito bem a todos que nele acreditam.

Eu acredito no Coelho da Páscoa, mesmo sabendo que a origem dos festejos religiosos da Páscoa em nada estão relacionados com esse animalzinho. Acredito, pois o coelho e sua estória é simpática, agradável e envolve de forma muito positiva todas as crianças que nele acreditam. O fato de ele existir e realizar coisas boas para as crianças, abre a imaginação infantil e deixa fortes marcas de amor e paz, sentimentos nobres que deveriam ser as bases de todas as civilizações.

Eu acredito em todos os escritos religiosos, chamados de escrituras, pois acredito que todas as grandes religiões foram construídas para dar conforto à alma. Acredito na Bíblia que é usada pelos cristãos, protestantes e tantos outros, acredito no Alcorão, embora seja tão mal interpretado por alguns, e também acredito em escritos budistas, hindus e todos aqueles que, de alguma forma, contribuem para a formação da personalidade dos homens. Em todos os cantos do mundo, afirmar que um homem é religioso significa ser sinônimo de respeitabilidade. Acredito nesses escritos (escrituras), pois é algo que me faz bem e faz muito bem a todos que nele acreditam.

Acredito que o homem nasce bom e mesmo quando se envolver em conflitos bélicos a sua sincera intenção é de sempre ajudar seu semelhante. Acredito que, mesmo na escravidão, quando o homem erra é por desconhecimento e não por maldade. Acredito, pois é bom acreditar, mesmo que as aparências sejam um pouco confusas.

Os homens que acreditam, como eu, tendem sempre a acreditar mais, mesmo correndo o risco de serem taxadas de ingênuos, inocentes e meio sonhadores. Acreditar no bem e tentar encontrar o lado bom de todos os homens é quase uma profissão de fé. O “acreditar sempre”, no entanto, tem limites, pois mesmo aqueles que tendem a ver sempre

o lado bom de uma estória que se transforma em história, não podem “acreditar em tudo”. Acreditar em fantasias completamente descoladas de qualquer razoabilidade transforma o “homem que acredita” em um lunático, louco ou demente. É justamente em função disso, para não correr o risco de mergulhar na demência, que preciso deixar bem claro o que “eu não acredito”. Para contar e justificar melhor vou usar os nomes dos personagens reais dessa “inacreditável” história que agora virou objeto da República de Curitiba.

Bem, conta a lenda (e só pode ser uma lenda de outra galáxia!) que um homem chamado Fernando Bittar, sócio de um dos filhos do Lula-pai, o jararaca (como ele mesmo se auto intitula), em um ataque de bondade extrema, comprou um sítio em Atibaia, sítio Santa Barbara, para que o pai do seu sócio pudesse guardar os seus “regalos” do tempo em que era presidentes de todos os Brasis. Para concretizar essa obra de caridade, o Bittar gastou a bagatela de 1,5 milhões de reais para a compra da propriedade e mais 2,5 milhões, mais ou menos, para deixar o sítio “da forma como ele queria”. Ora, então o desapegado empresário gastou, no mínimo, 4 milhões de reais para fazer um pequeno agrado ao seu amigo Lula-pai. E tem mais: as obras, executadas pelas empreiteiras Odebrecht e OAS, duraram 4 anos, em função da quantidade de detalhes do projeto. O bom samaritano, o senhor Bittar, afirmou inclusive que a “ideia surgiu numa reunião de família”, o que dá um caráter bastante inocente à iniciativa.

Bem, eu acredito em quase tudo e acredito também que os mitos e estórias possam se transformar em história, mas, de forma definitiva, não posso acreditar nessa “fantástica mentira oficial” fabricada por advogados com imaginação fértil e surtos de alucinação jurídica. Nem eu, que em tese acredito em tudo, tenho direito de acreditar nesse “conto de fadas” oficial da política tupiniquim, pois estaria correndo o risco de me aproximar da demência.

Tenho certeza que, como eu, ninguém acredita nessa “lorota”, mas se alguém, por algum motivo, encontrar a mais remota possibilidade dessa mentira escancarada ter um fundo de verdade, por menor que seja, sugiro que procure urgentemente ajuda com um psiquiatra, pois a doença mental já se encontra em estágio avançado.